**A TRANSIÇÃO DA PRÉ-ESCOLA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: O DESAFIO DE ALFABETIZAR E LETRAR NA ESCOLA**

**Autores:**

Maria Cícera Sandes ARAÚJO[[1]](#footnote-1)

 Nayara Batista da SILVA[[2]](#footnote-2)

 Isabel Lopes FONSECA[[3]](#footnote-3)

 Maria José Brito ARAÚJO[[4]](#footnote-4)

**RESUMO:** Este artigo resulta da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Alagoas, no período de junho de 2018 à junho de 2019 e das observações realizadas no Estágio de Educação Infantil em um Centro de Educação Infantil do município de Arapiraca, em junho de 2019. Assim sendo, discute-se acerca do processo de transição da pré-escola para o ensino fundamental enquanto um momento delicado para a criança, considerando que a ruptura da ludicidade como elemento principal da aprendizagem na educação infantil, dá lugar a uma nova metodologia de ensino que se mune de atividades sequenciadas e de conteúdos curriculares diversos que acabam tornando essa transição exaustiva para a mesma. Assim, a maneira como a criança é recebida e a forma como se dá o processo de ensino e aprendizagem na escola fará com que a mesma desenvolva ou não, o desejo de estar naquele espaço. Trazemos ainda reflexões acerca da alfabetização e letramento como processos indissociáveis, que devem agregar os conhecimentos trazidos pelas crianças em suas vivências diárias, e a importância de se compreender essa transição respeitando os direitos de aprendizagem e as normas legais que regem a educação infantil e o ensino fundamental. Conclui-se, trazendo sugestões que podem tornar essa transição mais prazerosa para a criança e para o professor.

**Palavras-chave**: Alfabetizar. Educação Infantil. Estágio.

**ABSTRACT**: This article results from the experience of the State University of Alagoas Institutional Scholarship Initiation Program (PIBID), from June 2018 to June 2019, and from the observations made at the Early Childhood Internship at a Center for Early Childhood Education. Arapiraca, June 2019. Therefore, we discuss the process of transition from preschool to elementary school as a delicate moment for children, considering that the disruption of playfulness as the main element of learning in early childhood education , gives rise to a new teaching methodology that is based on sequenced activities and diverse curriculum content that end up making this transition exhaustive to it. Thus, the way the child is received and the way the teaching and learning process takes place at school will make him or her develop the desire to be in that space. We also bring reflections on literacy and literacy as inseparable processes, which should aggregate the knowledge brought by children in their daily lives, and the importance of understanding this transition respecting the rights of learning and the legal rules governing early childhood education and teaching. fundamental. It concludes by bringing suggestions that can make this transition more enjoyable for the child and the teacher.

Keywords: Literacy. Child Education. Internship.

**INTRODUÇÃO**

A educação infantil é legalmente instituída como a primeira etapa da educação básica e, portanto, alicerça todo processo educacional do indivíduo ao longo de sua vida. Dada sua importância, se faz necessário ter clareza dos direitos garantidos constitucionalmente às crianças, bem como pôr em prática o que legalmente se determina para sua formação integral.

A Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/1996),os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular, vêm ao longo dos anos trazendo elementos que propiciam a melhoria da qualidade da educação infantil, garantindo que a criança, enquanto sujeito histórico e de direitos, tenha acesso a educação de acordo com sua faixa etária e de forma prazerosa, estabelecendo o cuidado e a brincadeira como eixo fundamental no processo de ensino/aprendizagem na creche e na pré-escola.

 Com a promulgação da Lei nº 12.796/13 que dispõe sobre a obrigatoriedade do ingresso da criança de quatro anos na Educação Infantil (pré-escola), antecipa-se sua entrada no Ensino Fundamental onde, a interação e a brincadeira que possibilitava à criança aprender através de seus próprios movimentos, do olhar para o outro e da integração entre os diferentes, possibilitando-lhe apropriar-se e produzir significados de forma lúdica, é substituída por uma uma nova fase de aprendizagem onde o foco é a alfabetização e o letramento.

 Nessa fase, a ludicidade presente na Educação Infantil deixa de ser o principal recurso para a aquisição do conhecimento, e o desafio que se estabelece é o de alfabetizar a criança a partir de um currículo pré-determinado pela instituição escolar.

O professor, na relação com a criança do primeiro ano, precisa conhecer o seu próprio aspecto lúdico para brincar e brincar e brincar, proporcionando a troca de papéis entre os alunos, problematizando questões de toda ordem...Conteúdos são bem-vindos desde que o foco não se restrinja a eles, mas se ampliem na experiência da criança e na sua capacidade de expressão. Aliás, o sujeito da aprendizagem é a criança de seis anos e não o ensino. (TIERNO *apud* PAZ e OLIVEIRA, 2017, p.35).

As crianças que na pré-escola estavam acostumadas a ludicidade presente em todo período escolar, passam para uma série em que a brincadeira constante dá lugar a tarefas sequenciadas e, a falta de habilidades com a educação infantil que muitos professores do ensino fundamental não dispõe, acaba causando um estranhamento na relação ensino/aprendizagem/ludicidade, e uma exaustão na execução das tarefas.

Dessa forma, buscamos entender: Que elementos contribuem para que o processo de alfabetização se torne um momento de dor e não de prazer pela descoberta de algo tão fundamental para a sua vida escolar? Porque o processo de alfabetização na escola pública se dá distanciando-se da ludicidade?

 Sabemos que o processo de alfabetizar e letrar exige que o professor tenha competência e habilidade e, como afirma Simonetti (2008), que leve em consideração os fatores econômicos e culturais onde a criança está inserida para que a aprendizagem tenha significado para a mesma. Isso nos dá a certeza, como afirma Torres, de que o processo de alfabetização e letramento não se dá apenas na escola. “ Não acredito que possamos atribuir à escola toda responsabilidade de formar o cidadão alfabetizado de que se necessita: leitor crítico, leitor versátil, escritor criativo, escritor competente. A tarefa alfabetizadora ultrapassa, e muito, a escola.( TORRES *apud* SIMONETTI, 2008, p. 15)

Ainda sobre isso SARAIVA afirma que:

Saber ler e escrever é, na verdade, mais do que dominar um instrumento, pois o usuário integra-se na prática social: o sujeito traz para a escola o seu cotidiano e o conhecimento adquirido volta para o cotidiano. Isto requer uma metodologia que se concentre na linguagem escrita como forma de inserção na vida do sujeito e deste na realidade letrada. (SARAIVA, 2001, p. 31)

São as vivências da educação infantil, somadas as vivências sociais da criança, que traz para as primeiras séries do ensino fundamental, um acervo de saberes a ser desenvolvidos no 1° ano e nos anos seguintes. Em nossas reflexões buscamos compreender porque a criança não demonstra prazer no processo de aprendizagem no 1°ano, e porque a ludicidade é posta de lado, sendo trabalhada esporadicamente, quando o foco se torna alfabetizar e letrar, uma vez que a própria legislação lhes assegura essa continuidade lúdica.

**A chegada da criança na escola**

A criança que sai da pré-escola e ingressa no ensino fundamental, chega na sala de aula com as memórias das relações vividas na Educação Infantil. Isso faz com que esteja sempre querendo brincar, e as reclamações da quantidade de tarefas são constantes. Ela pergunta sempre se já está próximo da hora de ir pra casa, reclama do cansaço, sente necessidade de estar em movimento. O espaço cheio de cor e diversão dá lugar a letras e números e os brinquedos são substituídos por caderno e lápis. A rotina antes estabelecida dividia o tempo das atividades de forma a evitar o cansaço e desinteresse da criança. Diante desta problemática, o que fazer para tornar o processo de Ensino/Aprendizagem agradável? Como o professor pode recepcionar este aluno, acostumado com uma rotina mais branda? Está posto o desafio que exige do professor sensibilidade, competência e habilidades que mostre ao aluno o sentido e/ ou significado de estar na escola, que o instigue a gostar do ambiente que quer fazer dele um leitor.

O processo de aprendizagem acontece de forma gradativa, assim, é preciso que a escola esteja preparada para dá continuidade aquilo que a criança traz de conhecimento, levando em conta o processo de adaptação à nova realidade e a hipótese de que nem sempre na pré-escola são desenvolvidas as habilidades necessárias à idade da criança; por isso, quando a criança adentra no Ensino Fundamental o professor não precisa apenas alfabetizar, mas também fazer com que ela se desenvolva integralmente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta a necessidade de articulação do conteúdo do 1° ano do Ensino Fundamental com as experiências vivenciadas na Educação Infantil, uma vez que as crianças viverão uma fase de transição importante para a sua formação como indivíduo social.

Nessa fase, amplia-se a autonomia intelectual da criança. Ela percebe as coisas com maior clareza, está sempre atenta às novas descobertas, interage com os outros com maior confiança e segurança e se afirma entre seus pares, reconhecendo sua própria identidade diante deles. Todo esse processo de transição que perpassa a vida da criança pequena, traz desafios que se apresentam de diversas formas, uma vez que nenhum indivíduo é igual ao outro e que cada um recebe influência da família e do meio social em que vive. Esse processo transitório é um marco importante para a criança, e pode trazer para sua vida consequências positivas ou negativas que poderão interferir no seu desejo ou não por aprender ou frequentar a escola como consta nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI).

A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor de educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia

de permanência em uma classe de primeira série. (BRASIL, 1998, vol.1, p.84).

É necessário, portanto, que haja uma preocupação da escola em preparar-se de forma estrutural e pedagógica para receber as crianças e dar continuidade ao processo de aprendizagem sem romper bruscamente com a brincadeira que faz parte do processo natural de seu desenvolvimento.

É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil e no ensino fundamental e que saibamos em ambos, ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes. (KRAMER apud Paz e Oliveira 2017, p. 28).

 A exigência trazida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é que esse processo de transição se dê gradativa e continuamente seja respeitado, e que o professor tenha um olhar pedagógico voltado para a infância e esteja habilitado para trabalhar com ela essa transição. Uma vez que terá mais tempo para dedicar-se a alfabetizar e letrar, ele precisa envolver a criança para que a mesma tenha desejo pela descoberta e decifração do código alfabético e possa compreender a escola como um espaço de aprendizagem. E a escola, ambiente onde o aluno passará boa parte de sua vida, deve se tornar para ele atrativa e desejável. Neste sentido, entendemos que a ludicidade não suprime a disciplina e a rotina necessária para aprender, mas integra conteúdos e facilita a compreensão.

**A transição para o ensino fundamental**

A escola é um espaço que comporta em seu universo as diversas expressões e vivências de mundo trazidas pelos alunos, e a sala de aula é o local onde se torna possível trabalhar essa diversidade de forma positiva. A criança tem várias formas de enfrentar os medos, e os desafios que se apresentam nessa transição e nas diferentes fases de sua vida se expressam de maneiras diferentes em cada uma. Algumas externalizam seus medos pelo choro, outras pela algazarra, outras pela postura retraída, carinhosa ou agressiva. E nesse turbilhão de emoções, o professor acaba exercendo diferentes papéis na sala de aula para poder concluir o ciclo de alfabetização de forma exitosa. Ao estabelecer uma relação amistosa e de confiança com seus alunos, ele também estabelece uma relação de confiança e respeito, o que lhe permite trabalhar com mais tranquilidade.

As expressões que se revelam em sala de aula trazem muito daquilo que se apresenta para a criança no meio em que vive. A influência religiosa, social, cultural, familiar, ultrapassa as paredes da escola e o professor, acaba tendo que lidar constantemente com a falta de estrutura familiar e social, para poder alfabetizar e letrar, o que lhe exige habilidade e qualificação profissional, diante de um cenário em que a relação família/escola está cada vez menos intensa e as necessidades de se manter no mercado de trabalho, tem dificultado ainda mais as relações entre pais e filhos e entre a família e a escola.

Se no 1°ano do ensino fundamental, as crianças pequenas são recém ingressas num novo método de aprendizagem, que intenciona a alfabetização e o letramento, se faz necessário e indispensável o apoio dos pais ou responsáveis para facilitar esse processo. É preciso “entender que a criança é um ser de desejos e o que vai aprender dependerá também dele”.( SIMONETTI, 2007, p. 61)

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. (BNCC,p.56-57)

Quando falamos em alfabetização, precisamos refletir sobre alguns fatores importantes para que a mesma aconteça de maneira eficaz. A nosso ver, deve-se considerar a habilidade e afinidade do professor em ser mediador no processo de aprendizagem da leitura e escrita; o meio em que o estudante está inserido, que influencia no seu interesse ou desinteresse em querer aprender; as condições de trabalho, que passam pelo material didático (in)disponível, a infraestrutura da escola, a lotação de alunos por sala, a falta de apoio, habilidade e acompanhamento do corpo pedagógico, etc. Não nos deteremos a discutir estes elemento, mas é indispensável mencioná-los como desafios.

 Consideramos que a escola, e o próprio professor, deve ter o comprometimento ético/político de reconhecer as habilidades de ser ou não alfabetizador, de maneira que para alfabetizar, o professor(a) precisa conhecer como acontece o processo de apropriação da leitura e escrita. Simonetti afirma que a alfabetização e o letramento são processos indissociáveis, independentes e simultâneos que se confundem e se fundem. Portanto, conforme Soares, alfabetizar não é apenas colocar a criança em contato frequente com a cultura da escrita. Isso seria para ela uma desinvenção da alfabetização. É preciso que a criança escreva e compreenda o que escreveu; que seja capaz de fazer leituras de texto e de mundo; nisso consiste o letramento, que antecede a própria escrita. A autora afirma que “ é preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento”. ( SOARES 2003 *apud* SIMONETTI, 2007, p. 22)

 O letramento ocorre na leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais e nas leituras de mundo que a criança traz consigo, nas cantigas de roda, na leitura de rótulos, nas brincadeiras de rimas, nos contos de fadas, etc. Aquilo que para ela tem significado é também de mais fácil aprendizagem.

 Percebemos na experiência pibidiana, que as atividades em que as crianças encontram figuras comuns ao seu dia-a-dia são mais rápidas de serem aprendidas. Assim também é com as histórias que são contadas de forma lúdica, e com as atividades trabalhadas com material concreto, como os jogos, as atividades de leitura com letras móveis, o material dourado, colagens ou pinturas.

Outro momento muito rico é a roda de conversa que agrega todos num círculo para se falar de diversos conteúdos, inclusive para os momentos de contação de histórias. Na roda as crianças participam, falam de suas experiências, expressam seus sentimentos, ouvem e comentam os conteúdos, para posteriormente realizarem as atividades pertinentes o que foi discutido. Na sala de 1° ano onde o PIBID está presente, essa é uma atividade rotineira de uma riqueza ímpar que faz jus ao que está posto na legislação, integrando os conteúdos e proporcionando interação entre crianças e professores.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, em seu artigo 29 e parágrafo 1°:

O reconhecimento que os alunos já aprenderam antes da sua entrada no ensino fundamental e a recuperação do caráter lúdico do ensino contribuirão para melhor qualificar a ação pedagógica junto às crianças, sobretudo nos anos iniciais dessa etapa da escolarização. (DCNEF, art. 29)

O processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, também se torna mais exaustivo quando a base que o aluno traz da Educação Infantil não comtempla as dimensões devidas e as habilidades previstas para esta etapa, ou quando a criança não frequentou a pré-escola na idade certa e seu primeiro contato com a escola é no ano em que ele precisa aprender a ler e a escrever. Dessa forma, a aprendizagem se torna mais lenta e fatigante.

**Procurando respostas**

Embora seja obrigatória a matrícula da criança na pré-escola desde 2016, nota-se que há uma inadequação das escolas para recebê-las e mais que isso, há uma desqualificação ou inabilidade profissional e uma visão distorcida dos pais que julgam que a educação infantil ou pré-escola é só pra brincar, desconhecendo a importância da brincadeira para esta fase, não levando a sério a assiduidade das mesmas na escola.

Essa ausência de comprometimento da família com a frequência da criança também se estende ao primeiro ano do ensino fundamental onde alguns alunos que faltam muito à escola, apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, carecendo de maior atenção quando estão presentes. Além das ausências em sala de aula, também constatamos que a grande maioria das crianças não tem contato rotineiro com livros, revistas, contação de histórias ou outros gêneros textuais no ambiente familiar. A criança que vive em um ambiente leitor apresenta maior facilidade no processo de alfabetização e letramento. Saraiva afirma que “a função mais importante do livro infantil é despertar o interesse e o imaginário da criança”. ( SARAIVA, 2001, p.78)

Nesse despertar da criança leitora, elas se identificam com os personagens da história, imaginam o cenário, transformam-se em heróis e adoram os finais felizes, como se elas mesmas vivenciassem as aventuras ou desventuras das histórias. A literatura trabalhada ludicamente com a criança, permite ao professor trabalhar a interdisciplinaridade, incluir temas transversais e, despertar a curiosidade e a criatividade, além de usar os elementos da história para trabalhar o conteúdo desejado. Aqui, alfabetização e letramento se tornam um momento de aprender prazerosamente.

O que percebemos ao longo deste ano inseridos no Programa de Iniciação a Docência, na experiência de Estágio em Educação Infantil e nos diálogos estabelecidos com alunos e professores, reforça aquilo que vimos estudando na academia. A aprendizagem é um processo que necessita de um conjunto de fatores para ser efetivada de forma eficaz. Nesse sentido, necessita da colaboração e participação da família como primeiro *lócus* de convívio e desenvolvimento humano, da sociedade e seus complexos que também promovem a aprendizagem nos diferentes grupos sociais, dos governos cuja parcela de incentivo é mínima, tanto no que diz respeito a infraestrutura quanto a formação continuada e valorização do profissional da educação, da escola que não dá as condições necessárias para que o professor possa planejar aulas mais dinâmicas , não utiliza adequadamente seus espaços de formação e oferece poucos momentos de capacitação, do professor que por sua falta de identificação em trabalhar com o primeiro ciclo da alfabetização no ensino fundamental, acaba desconhecendo questões indispensáveis de serem trabalhadas na infância, não apresenta motivação para este ciclo e acaba tornando esse momento mais difícil do que deveria ser para a criança, frustrando-a e tirando dela o interesse pela escola.

Organizar o trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é tarefa individual e coletiva de professores, coordenadores, orientadores, supervisores, equipes de apoio e diretores. Para tanto, é fundamental que se sensibilizem com as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites, as possibilidades das crianças e adolescentes diante do desafio de uma formação voltada para a cidadania, a autonomia e a liberdade responsável de aprender e transformar a realidade de maneira positiva. (KRAMER, 2007, p.11).

 Na escola onde desenvolvemos nossas observações, a inadequação do espaço escolar força uma dinâmica de atividades que geralmente suprimem o direito das crianças. O horário de recreio, por exemplo, que deveria ser de 30 minutos acaba sendo reduzido para 15 minutos, tirando da criança o direito à hora da brincadeira, uma vez que esse tempo dá apenas para lanchar. O barulho das outras crianças que alternam o horário acaba atrapalhando a desenvolvimento das atividades em sala de aula e algumas atividades que poderiam ser realizadas na área externa da sala. Essa é uma realidade de muitas outras escolas públicas municipais cuja estrutura não favorece o atendimento adequado à criança.

 Embora os profissionais se esforcem para cumprir bem seu papel, fatores estruturais os impedem de fazê-lo ainda melhor. Mas nos orgulha ver o esforço e a dedicação com que alguns tratam o processo de alfabetização.

 **Conclusão**

 Nossas análises, aqui fundamentadas teoricamente, nos trouxe a clareza de que aquilo que é estabelecido legalmente não se cumpre na realidade principalmente por parte do governo que a sanciona. As inúmeras dificuldades que se apresentam para os professores exigem deles o que é humanamente impossível numa sala de aula superlotada com crianças cuja cujo descompasso da educação doméstica exige dele muito mais habilidade e paciência. É inconcebível, por exemplo, que na LDBEN não tenha um limite máximo de aluno por turma, e isso seja delegado aos Estados e Municípios, que se aproveitam desta abertura para lotar as salas de aula prejudicando assim a qualidade de ensino e comprometendo a saúde do profissional.

 As escolas não dispõem de psicólogo para atendimento às crianças e professores, as crianças com necessidades especiais não são atendidas por profissionais qualificados para atender este segmento, e os profissionais muitas vezes sobrecarregados de trabalho, acabam não desempenhando bem o seu papel ou sendo um super herói no processo de alfabetizar e letrar.

 Diante do exposto, fica claro que o processo educacional da criança só poderá se efetivar com eficiência e eficácia se todos os fatores acima mencionados forem levados em consideração e estiverem conjuntamente integrados. Para tanto é indispensável a melhoria da infraestrutura escolar, a valorização e capacitação dos profissionais envolvidos neste processo e uma relação mais próxima entre escola e família e entre a gestão dos Centros de Educação Infantil com as Escolas de Ensino Fundamental. Somente dessa forma será possível se cumprir a lei que determina a proteção, o cuidado e o desenvolvimento integral da criança considerando a dimensão lúdica, os jogos e as brincadeiras como ferramentas pedagógicas indispensáveis à aprendizagem.

 Sendo assim, consideramos que a escola só poderá cumprir seu papel de forma integral se adequar-se as necessidades reais dessa transição, melhorando seu currículo, seus espaços e a sua prática pedagógica, tendo a aprendizagem como elemento principal e fundante da instituição e voltando seu trabalho para a garantia dos direitos da aprendizagem da criança.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Brasília: 1988. Senado Federal. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 20/07/2019.

\_\_\_\_\_\_Ministério da Educação: Secretaria da Educação Básica: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02. Brasília, 2015. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 14/07/2019.

\_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [www.senado.leg.br](http://www.senado.leg.br) . Acesso em 13/07/2019.

\_\_\_\_\_\_Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** vol.I,II,III Brasília: MEC/SEF. 1998. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) . Acesso em 13/07/2019.

\_\_\_\_\_\_. CNE/CEB**. Resolução nº 7**, **de 14 de dezembro de 2010.** Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília. 2010. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) . Acesso em12/07/2019.

\_\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**.Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) .Acesso em 14/07/2019.

**Base Nacional Comum Curricular**: terceira versão. Disponível em:

[www.mec.org.br](http://www.mec.org.br) – Acesso em 15/07/2019.

PAZ, Anne Caroline dos. OLIVEIRA, Renata F. Nabas. **A importância do olhar pedagógico na** **Transição da educação infantil para o** **Ensino fundamental.** Trabalho de Conclusão de Curso. Lins – SP, 2017.

RICARDO, Stella M. Bortoni. SOUSA, Maria A. F. **Falar, Ler e Escrever em Sala de Aula.** São Paulo: Parábola editorial, 2008.

SARAIVA, Juracy Asmann. **Literatura e Alfabetização**: Do plano do choro ao plano de ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIMONETTI, Amália. **O Desafio de Alfabetizar e Letrar**. Fortaleza: IMEPHI. 2007.

1. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), estagiária do PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Pedagogia pela UNEAL e estagiária do PIBID. [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduada em Pedagogia pela UNEAL, especialista em Filosofia pela UFAl e monitora supervisora do PIBID. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora Mestra do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas.

E-mail- ciciufal@bol.com.br [↑](#footnote-ref-4)